A HISTÓRIA, A SOCIOLOGIA E A IDÉIA DE PROGRESSO

BEL. MANUEL LIMA SOARES

Do Curso de Doutorado

Sabemos todos que o interesse pela História é, hoje, muito mais vivo do que outrora, por ser mais geral a parcela humana inteligente e letrada, por ser maior o número de pessoas conscientes do evoluir da sociedade, por ser bem amplo o agrupamento dos amedontrados, dos que se vêem atraídos pelo turbilhão dos fenômenos históricos.

Não só os especialistas alongam a vista pelo passado, buscando compreender o presente e descortinar o futuro. O grande público também sonda. Também sente a caminhada para o porvir. Também procura guia e orientação para não se surpreender com o amanhã. Daí a simpatia dos leigos, a atenção das massas, agora rebeladas e em plena ascensão social, conforme tese vitoriosa de ORTEGA Y GASSET.

Há, entretanto, da parte dos consulentes apressados, dos interrogadores aflitos, uma indecisão entre a História e a Sociologia, uma espécie de confusão de objetos, que convém, preliminarmente, esclarecer.

O histórico, distingue-se do sociológico por ser fato singu-

Conferência de encerramento da "Semana de História", ano de 1961, no Colégio Estadual "Justiniano de Serpa".

lar, fato único, que não se repete na vida humana. Tem validade universal por sua importância. A Independência dos EE. UU. da América do Norte, a Revolução Francesa, a abolição da escravatura no Brasil são acontecimentos exclusivos.

Já o sociológico é plural. Ou se repete ou apresenta tendência para a repetição. As libertações de colônias, as revoluções, as emancipações de escravos, são fatos sociológicos. Via de regra nos fatos históricos vamos encontrar fatos sociológicos. Assim, as revoluções são características do processo sociológico da competição e as emancipações de grupos ou indivíduos expressões do processo social da diferenciação, como explica GILBERTO FREYRE.

MACHADO NETO chega a afirmar que a História e a Sociologia são, a rigor, as únicas ciências sociais, juntas compartilhando a universalidade do humano enquanto convivência e socialidade, ocupando-se a História da individualização e a Sociologia da generalização dos temas que examinam.

Destarte, razão não falece a JAY RUMNEY e JOSEP MAIER quando, em obra recente, sustentam que sem a Sociologia o historiador pode perder-se em uma impenetrável nebulosa de minúcias, e que, sem a História, o sociólogo pode inclinar-se a fazer generalizações levianas, incapazes de resistir à experiência histórica.

E o campo vasto em que frequentam com mais assiduidade os sociólogos e os historiadores é, sem dúvida, o da dinâmica social, onde investigam juntos sobre o progresso da humanidade, sobre as oscilações, os ritmos, os ciclos e as tendências evolutivas da realidade social.

Região onde cabem as especulações do pensamento, as fascinantes aventuras do espírito, as elocubrações que se libram fora da análise rigorosamente positiva, a dinâmica social é preferida pelos filósofos da História, pelos teorizadores das mudanças sociais.

Entendida como a teoria sistemática e científica das mudanças sociais, na frase de PINTO FERREIRA, a dinâmica social é o capítulo da Sociologia que pretende elaborar as leis gerais da transformação social e cultural da humanidade.

Não obstante alimentar-se de hipóteses mais ou menos ousadas e caprichosas, não pode a dinâmica social ser postergada pelos cientistas sociais. Ela se constitui numa utilidade indispensável, ela corporifica um imperativo da hora presente, neste mundo dinâmico em que vivemos.

Ventilando o assunto, sínteses notáveis não sido produzidas. Impossível compendiar, no ensejo, tudo quanto da seara dos sociólogos e historiadores se poderá recolher. Percorramos, a vôo de pássaro, o que nos parece de mais significativo.

O napolitano JOÃO BATISTA VICO, um dos pioneiros da filosofia da História, foi um dos primeiros autores a tentar encontrar apenas os fatos verdadeiramente permanentes e gerais, concernentes à evolução das instituições e das mentalidades. Supondo que a sociedade atravessa uma seqüência de três fases obrigatórias, a divina, a heróica e a humana, antecipou-se a AUGUSTO COMTE, o criador da lei dos três estados, em cuja doutrina está escrito que a trajetória da humanidade se fará da fase teológica para a metafísica e desta para a positiva.

Conquanto brilhante e oportuna, a formulação do chefe do positivismo, como as demais teorias lineares que se lhe seguiram, não dominou por inteiro o terreno da dinâmica social.

ÉMILE DURKHEIM, da mesma linha ideológica de COMTE, líder da Escola Sociológica Francesa, assinalou o primado da vida religiosa na sociedade primitiva. Alí os indivíduos estariam ligados por uma solidariedade mecânica, com base em certa igualdade moral, social e espiritual do grupo, gradativamente substituída por uma solidariedade orgânica, à proporção do crescimento, na coletividade, das funções sociais, ou seja da divisão social do trabalho. De tal modo, a solidariedade orgânica findaria exercendo predomínio, e conseqüentemente seria portadora, na continuidade histórica, de um progressivo aumento da liberdade individual, traduzido, no âmbito jurídico, pela passagem do direito repressivo para o direito restitutivo, e na esfera política pela proteção dos sentimentos igualitários.

Entre outros, LEVY-BRUHL, apregoando a transformação da mentalidade primitiva mística e prelógica em pensamento racional, FERDINAND TOENNIES, enxergando o progresso na transição das comunidades para as sociedades, VIERKANDT, idealizando a sucessão dos povos culturais aos povos naturais, MAX WEBER, postulando a crescente racionalização da vida social e da cultura total, FREUD, estabelecendo a teoria das fases animista, religiosa e científica, e, finalmente, VILFREDO PARETO, acreditando numa gradual preponderância do raciocínio lógico-experimental, manifestaram-se os sociólogos no afã de surpreenderem o funcionamento do evol-
ver da realidade social.

Assumindo posição ímpar, impertinente e dominadora, não só no recinto histórico e sociológico, mas também no econômico e no filosófico, KARL MARX e sua ideologia fornecem à idéia do progresso da humanidade uma resposta cabal.

Antes de tudo, é a palavra do marxismo, a História deve ser explicada por fatores materiais, econômicos e técnicos, em essência. Modificada a economia toda a História se modificará, pois não é a consciência do homem que faz o seu ser, mas ao contrário, é o ser social que faz a sua consciência, resume MARX.

Para o marxismo, todo o mecanismo da dinâmica social se concentra nas leis de acumulação do capital e de formação e aumento crescente do proletariado.

A História será, então, a história das lutas de classe. Para chegar ao término da exploração do homem pelo homem, para a transformação da sociedade burguesa em sociedade socialista, terá a humanidade que lutar. E nesse ponto, segundo HAROLD LASKI, dividem-se os marxistas, conforme as soluções que adotem: ou a revolução pela violência, ou a revolução pelo consentimento.

Na arena propriamente histórica, antes que se evidenciassem os nomes de SPENGLER e de TOYNBEE, ensaiando uma teoria original e por muito tempo desconhecida na Europa Ocidental, NICHOLAS DANILEVSKY desenvolveu um tema de dinâmica social que presentemente é apontado como uma

fonte de inspiração para o maior livro do século XX, "A Decadência do Ocidente", escrito quarenta e nove anos depois.

DANILEVSKY, russo de nascimento e de cultura, a propósito do papel da sociedade eslava, elaborou uma tese do crescimento e decadência das civilizações que contrariava a idéia então em voga da evolução unilinear da humanidade rumo ao progresso.

Foi precursor de SPENGLER no estudo da transformação cíclica das culturas.

Assentou o mestre russo, em obra que data de 1869, que deveríamos estudar treze civilizações, mais ou menos completas e independentes, ou semi-independentes, observando-lhes o ciclo vital da infância, juventude, maturidade e decadência, para surpreender-lhes o estilo particular, o primado em alguns setores da atividade humana, os casos de transmissão por colonização e enxertia.

As civilizações seriam a egípcia, a chinesa, a semítica antiga, a indu, a iraniana, a hebraica, a grega, a romana, a árabe, a germano-românica, a eslava, a mexicana e a peruana.

Insurgia-se DANILEVSKY com o critério anti-científico de se olhar a História como se fôsse subordinada continuamente à experiência européia. Sua tese abria o caminho para posteriores teorias cíclicas.

Em 1918 SPENGLER deu à publicidade sua discutida obra. Livro ambicioso e sombrio, eivado de um pessimismo erudito e impressionante, assegurava que não é possível descobrir o significado da história da humanidade como um todo. Combatia a divisão convencional da História e descrevia a cultura como a um organismo, utilizando as imagens das quatro estações, primavera, verão, outono e inverno, aplicando-as a nove civilizações: egípcia, mesopotâmica, indu, chinesa, clássica, árabe, maia, ocidental e russa.

"A Decadência do Ocidente", por ter saído do pulso de um historiador e filósofo poderoso, exerceu influência considerável e persistente sobre as gerações de várias nacionalidades. Em torno de suas afirmações verdadeira onda de proselitismo se avolumou.

Entre nós, sua popularidade foi muito grande.

Não obstante, levantou-se no Brasil a voz sereníssima de CLÓVIS BEVILÁQUA para discrepar de SPENGLER, em nome da História, da Filosofia e do Direito, contestando a idéia das culturas sem vínculo de continuidade.

Demonstrou o nosso máximo jurista e insigne filósofo que a humanidade existe realmente como unidade coletiva, sendo prova disso o sentimento, criador do instituto da hospitalidade, do apostolado e das convenções internacionais, da libertação de cativos e da unidade da família humana. Arrimou-se a dados científicos, reforçando a prova da existência real da humanidade, mostrando que antropologia, a etnografia, a etnologia e a prehistória dão-nos a segurança de que a humanidade é um ser de existência real. Da própria lingüística extraíu argumento convincente, opinando que a seqüência das fases da linguagem pressupõe a existência da humanidade como ser e não como simples conceito.

Refutou a incomunicabilidade das culturas, acompanhando na História a interpenetração da cultura grega e asiática, bem como a ação desta sobre o desenvolvimento espiritual da Europa.

Examinou o papel cultural dos fenícios, o crescimento do cristianismo, a expansão de Roma, a influência da Revolução Francesa na igualdade das condições jurídicas do Ocidente, averbando tais fatos de construções sociais que se transmitiram de uns grupos humanos para outros, num desmentido à tese de SPENGLER.

Rematando os seus reparos, CLÓVIS apontou ainda o direito romano como um elemento de assimilação pela humanidade culta, preponderando na formação das legislações contemporâneas. E fêz vibrar bem alto a sua convicção de cientista, definindo o sentido do progresso e a evolução histórica.

CLÓVIS viu a marcha do progresso do útil para o justo, para o bem, para a liberdade do indivíduo e dos povos, para o bem-estar de todos, segundo se depreende do processo histórico universal da humanidade.

Concordou em que o progresso tem curvas, paradas e até recuos, mas textualmente afixou que no conjunto da evolução histórica é irrecusável o seu avanço.

Depois da tentativa de SPENGLER, escreve TIMASHEFF, duas outras mereceram atenção mundial: a do sociólogo russo-americano PITIRIN SOROKIN e a do historiador inglês ARNOLD TOYNBEE.

SOROKIN, na sua "Dinâmica Social e Cultural", oferece uma teoria cíclica de mudança permanente, em que postula a reprodução indefinida, no plano histórico, das culturas idealística, sensitiva e ideacional.

De acôrdo com a sua terminologia, quando os homens atribuem validade máxima ao testemunho dos sentidos temos o super-sistema sócio-cultural sensualista, cujo melhor exemplo histórico é o império romano, no período de seu florescimento. Quando aceitam a verdade da fé, crendo que além dos sentidos existe outra realidade de mais valor, temos o super-sistema ideacional, caracterizado na exemplificação histórica como o período que compreendeu do oitavo ao fim do sexto século, antes de CRISTO, da cultura grega. E quando há uma combinação do super-sistema sensualista com o ideacional temos o super-sistema idealístico, como a idade de ouro dos gregos e a era de DANTE. Se os dois sistemas básicos apenas se justapõem, teremos, em consequência, o sistema misto.

É da natureza da cultura a mudança, salienta SOROKIN, porque a mudança é a lei de toda vida. A transformação, embora tendente a percorrer uma linha reta, nunca poderá consumir-se no sentido linear, impedida pela flutuação entre as culturas.

A teoria de SOROKIN, dá-lo TIMASHEFF, admite a absorção e também a estagnação das culturas. Mas não prega o pessimismo spengleriano, indo além do próprio TOYNBEE, opinando que a cultura, como tal, não morre nunca.

No seu vigoroso trabalho, "Um Estudo de História", TOYNBEE procura descrever semelhanças no desenvolvimento e decadência das civilizações e tornar inteligíveis as causas dessas mudanças.

Desfilam em seus estudos vinte e uma civilizações de ciclo de vida natural, completo ou quase completo, como a ocidental, duas cristãs ortodoxas, a iraniana, a árabe, a indu, duas do extremo oriente, a helênica, a síria, a índica, a chinesa, a minoama, a sumeriana, a hitita, a babilônica, a andina, a mexicana, a iucateca, a maia e a egípcia.

Ocupa-se também do exame de mais cinco civilizações, que intitulou de detidas, como a polinésica, a esquimó, a nômade, a otomana, a espartana, além de outras que designa de civilizações abortadas.

Para TOYNBEE as civilizações podem ser originais ou filiadas, sendo algumas possuidoras de estilos definidos. Não atribue tempo de duração para cada uma, mas aceita a superveniência da crise, acompanhada da concomitante desintegração e dissolução.

Enfrentando um desafio-resposta, as civilizações crescem, conduzidas pela minoria-criadora. Depois de séculos, vem o declínio, com um complicado período de perturbações. Uma boa orientação religiosa pode não salvar, mas terá fôrça para entremostrear a senda de nova maneira de viver, filiada à civilização em crise.

A teoria de TOYNBEE e também a teoria de SOROKIN são tentativas contemporâneas para penetrar no mistério da transformação social. Não resolvem as perplexidades da dinâmica social nem são aceitas integralmente por todos os historiadores e sociólogos. Valem como um esforço sério e honesto, de cientistas sociais atualizados. Procuram fornecer respostas, atuando no terreno escorregadio das abstratas pesquisas sôbre a causalidade das mudanças sociais.

A seqüência dessas indagações sôbre os princípios da dinâmica social constituiu preparação para o nosso desígnio de emitir parecer acêrca da crença na idéia do progresso, combatida por uns, afirmada por outros, por nós aceita integralmente, com as limitações que a prudência e o estado atual dos conhecimentos históricos e sociológicos aconselham.

Aceitar o processo histórico com um significado universal e absoluto é um exagêro. De certo modo, devemos admitir com

JOSÉ VAN DEN BESSELAAR que tôdas as gerações humanas tem avanços e recuos, que o homem como ser histórico pode construir e demolir. E é sabido que o desenvolvimento científico e técnico pertence a uma parcela da humanidade, de época determinada. Embora a sociedade inteira possa usufruir do progresso, a maldade social é, contudo, muito forte ainda, haja vista as duas últimas grandes guerras mundiais, a sobrevivência do colonialismo e a exploração econômica, para não multiplicar exemplos.

Tudo isso, porém, não justifica uma atitude negativista.

Primeiramente, em face das teorias, há que realizar a conciliação dos contrários. É, ao mesmo tempo, sensato e científico perfilhar uma concepção dialética, síntese das teorias lineares e das teorias cíclicas.

Em verdade, percebe-se nitidamente uma tendência linear de progresso no campo histórico. Mas a marcha em sentido direto, em direção única, sofre desvios. Há regressões visíveis, imobilidades passageiras, variações periódicas, que autorizam a adoção de explicações cíclicas. Sòmente uma posição eclética fornece um instrumento cômodo de averiguação, a meio têrmo dos antagonismos.

Seria profundamente desolador se não pudéssemos dispor de um aparelhamento conceitual para observarmos a regularidade da vida dos grupos humanos e induzirmos as leis e os princípios teóricos.

É uma necessidade espiritual. O determinismo multifuncional, a pluralidade das linhas evolutivas do conteúdo das mudanças sociais, pede ao estudioso, mesmo ao simples vivente, uma definição, uma posição diante dos fatos.

KIMBALL YOUNG assevera que a fé no progresso é um mito, fruto próprio da época que atravessamos. Acreditamos que a realidade desmente a afirmação. Há um progresso da humanidade, convém repetir, que se traduz na direção para formas mais nobres de pensar, de querer e de sentir. Da vida sensorial e instintiva chegou o homem, em plena evolução, ao raciocínio lógico-experimental. Daí passou ao exercício da bondade, desta à solidariedade ou fraternidade social. E no

correr dos tempos veio a humanizar a cultura, o poder político, a espiritualizar os seus sentimentos religiosos e a utilizar a ciência à serviço da coletividade. Criou a aspiração solidarista para as novas organizações econômicas e alimentou o ideal de paz. Construiu alguma coisa a mais para ser inscrita na tabela dos valores. Progrediu, afinal. É inegável a evidência.

PINTO FERREIRA, com rara felicidade, sintetiza em duas palavras tôda essa tendência evolutiva: sabedoria e bondade. Sabedoria como sinônimo de ciência, e bondade como sinônimo de humanismo.

Em conclusão, reafirmamos nossa crença. É o progresso que plasma a civilização. E bem inspirado andou JOAQUIM PIMENTA quando uniu os dois conceitos em síntese lapidar: progresso é civilização que se realiza, e civilização é progresso realizado.